

XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



[Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas

Outubro 2011



Modelos para o ensino acadêmico de arquitetura: a coleção de obras raras do Museu D. João VI.

Denise Gonçalves

Grupo de Pesquisa Entresséculos, EBA/UFRJ

Resumo

A coleção de obras raras do Museu D. João VI reúne o acervo da Biblioteca da antiga Academia Imperial e posterior Escola Nacional de Belas Artes; dentro dela o conjunto de obras referentes ao ensino de arquitetura abre um leque de possibilidades para uma reavaliação historiográfica tanto do sistema acadêmico oitocentista, já que os títulos aí reunidos permitem-nos entrever a orientação dada pela instituição ao ensino das artes no período, quanto da própria produção arquitetônica oitocentista que se encontra amplamente documentada em seus principais aspectos.

Palavras-chave: Museu D. João VI – coleção de obras raras – ensino de arquitetura – modelos culturais

Résumé

La collection d'œuvres rares du Musée D. João VI réunit les livres de la Bibliothèque de l'ancienne Académie Impériale et postérieure École Nationale des Beaux-Arts. L'ensemble d'œuvres destinées à l'enseignement d'Architecture ouvre un éventail de possibilités pour une réévaluation historiographique aussi bien du système académique du XIXème siècle – les titres qui y sont réunis nous permettant d'entrevoir l'orientation de l'institution au sujet de l'enseignement artistique – que de la production architecturale de la période qui y est largement documentée sous ses aspects les plus importants.

Mots-clé: Musée D. João VI – collection d'œuvres rares – enseignement d'architecture – modèles culturels

O ensino artístico oficial esteve, desde sua institucionalização durante o século XIX, no epicentro das discussões e críticas sobre o papel do arquiteto na nova sociedade industrial. Dois pontos fundamentais constituíam o foco dessas discussões: o fato das academias oferecerem uma formação baseada no classicismo aliada à afiliação do ensino de arquitetura ao ensino das artes – pintura e escultura – em um período em que o acelerado desenvolvimento tecnológico provocava uma revolução no âmbito da construção. “Anacronismo” e “alienação” se tornaram assim as características em geral atribuídas às instituições oficiais de ensino de arquitetura principalmente quando comparadas às escolas de engenharia que, graças à especificidade e racionalidade dos conhecimentos ali ministrados, pareciam constituir os pilares da modernização. Essa dicotomia se refletia no campo profissional : é conhecida a imagem negativa e o desprestígio dos arquitetos em detrimento ao respeito e confiança depositados nos engenheiros.

No entanto, estudos recentes sobre a arquitetura oitocentista e sobre o ensino acadêmico revelam outra situação: os arquitetos de formação acadêmica tiveram importante papel no desenvolvimento da arquitetura e da cidade modernas, o que quer dizer que, apesar das críticas, o ensino oficial ofereceu as bases para a modernização. Tanto a referência clássica/historicista como a proximidade com as artes devem ser entendidos sob outro prisma: a primeira ensina princípios e não modelos, a segunda ensina o principal instrumento de

representação, de estudo e de criação para o arquiteto, i. e. o desenho.

Dentre as possibilidades de avaliação do ensino acadêmico oitocentista de arquitetura se encontram as obras de referência para o aprendizado: é sabido que o século XIX foi palco de um incremento considerável da atividade editorial, e que esse amplo leque de publicações sobre os mais diversos assuntos fortaleceu o papel das bibliotecas junto às instituições de ensino. No caso da nossa Academia e posteriormente Escola Nacional de Belas-Artes, um importante conjunto de publicações referentes ao ensino de arquitetura se encontra no acervo de obras raras do Museu D. João VI. Seu estudo pode contribuir tanto para a compreensão da orientação do ensino propriamente dito como para a discussão mais ampla sobre modelos culturais, aspecto fundamental de nossa produção artística no período.

Em primeiro lugar, precisamos situar esse incremento da atividade editorial ao qual nos referimos acima em suas relações com o quadro da arquitetura do século XIX. Durante o período, e como resposta às consequências da industrialização – econômicas, sociais, políticas e tecnológicas – a arquitetura dá um salto simultaneamente qualitativo e quantitativo e de uma intensidade sem precedentes. Qualitativo, porque em suas mãos fica o papel de conceber e construir as soluções espaciais para os novos problemas advindos da recém-formada sociedade industrial, com suas necessidades individuais e coletivas. Isso significa a criação de novas tipologias

e/ou modernização das tipologias tradicionais, absorção e aplicação da tecnologia construtiva industrial – novos materiais e novas técnicas – e ainda a consideração do objeto arquitetônico dentro de uma escala maior, a escala urbana, como componente da complexa rede de relações que caracteriza a partir de então a cidade moderna. E sob o ponto de vista quantitativo, muitas vezes ausente das análises sobre a arquitetura oitocentista, não se pode esquecer que a atividade construtiva do período constituiu-se num fenômeno numérico e que a produção de edifícios aumenta exponencialmente se comparada ao período pré-industrial. Tudo isso explica a citada revolução na construção e na arquitetura.

O papel das publicações especializadas em arquitetura se insere nesse ponto. Dentro da intensificação da atividade editorial, esta igualmente beneficiada pelas novas técnicas industriais, multiplica-se a produção de tratados, manuais, repertórios de modelos, estudos históricos e arqueológicos e de periódicos sobre os mais diversos assuntos relacionados à arquitetura. Esse conjunto de obras é parte fundamental do considerável *tour de force* empreendido pelos diversos setores ligados à construção no sentido de se criar meios para se atender à nova demanda qualitativa e quantitativa. A disponibilização e divulgação dos conhecimentos técnicos é crucial nesse momento: não se pode esquecer que a atividade da construção ainda está em grande parte nas mãos de pessoas sem formação específica. Desde o início do século XIX o ensino oficial e especializado de arquitetura começa a se consolidar mas seu público ainda

é restrito; a profissão do arquiteto está apenas começando seu processo de definição; a instituição do diploma por exemplo, na École des Beaux-Arts de Paris, instituição de referência no período, só acontece na segunda metade do século e assim mesmo ele não constitui um requisito para a prática profissional. A construção da arquitetura e da cidade modernas, assim, depende da democratização do conhecimento: as publicações especializadas tornam-se então o principal meio de difusão dele para um público amplo.

Voltando ao acervo de obras raras do Museu D. João VI, é importante observar que o conjunto é bastante significativo dos tipos de publicações especializadas em arquitetura que caracterizam o período¹. Contando com um total de mais ou menos trezentos e setenta títulos – número esse que pode ser desdobrado se considerarmos várias edições da mesma obra ou volumes de uma mesma publicação – a coleção constitui fonte fundamental para o estudo da arquitetura oitocentista já que aí encontramos os diversos temas que envolvem a produção arquitetônica do século XIX e início do XX. As possibilidades de análise abertas pelo exame desse conjunto são inúmeras, gostaríamos aqui apenas de apontar algumas características da coleção e de salientar certos aspectos que nos parecem importantes na consideração dessas obras enquanto modelos para o ensino da Academia e ENBA.

¹ GONÇALVES, Denise. **Inventário das obras raras relativas ao ensino de Arquitetura da biblioteca da Escola de Belas-Artes/UFRJ**. Pesquisa como recém-doutor desenvolvida em 1997-1998 com apoio do CNPq. Manuscrito.

Começando por uma geografia dessas referências, cabe a observação de que a maioria avassaladora dos títulos é de língua francesa, seguida à distância pela italiana e em ordem decrescente pela alemã, espanhola e portuguesa. A predominância das obras francesas, no entanto, precisa ser parcialmente relativizada pelo fato de que, a partir dos séculos XVII e no decorrer do XVIII a teoria de arquitetura francesa se sobrepõe gradativamente à tratadística italiana: a sistematização dos conhecimentos promovida por ela torna-se referência fundamental para o pensamento moderno sobre arquitetura. A presença maciça de títulos franceses na coleção pode ser ilustrativa mais dessa tendência que de um sintoma de dependência a um modelo cultural preciso.

Sob o ponto de vista dos autores das obras em questão encontramos vários dos protagonistas da arquitetura oitocentista: o acadêmico Quatremère de Quincy; arquitetos historiadores como J. J. Hittorff e Charles Normand; os dois principais críticos e editores do período, de linhas de pensamento opostas, Cesar Daly e Viollet-le-Duc e respectivos seguidores; os professores modernizadores do ensino oficial de arquitetura J.L.N. Durand, Léonce Reynaud e Julien Guadet; engenheiros de renome como Pierre Chabat, Jean Rondelet e Vierendeel; o reconhecido teórico do pensamento neomedieval inglês, John Ruskin; representantes das novas linguagens em artes decorativas – E. Grasset e Owen Jones – e em arquitetura – Henri Sauvage e Gottfried Semper –; o projetista da cidade industrial Tony Garnier; e muitos

outros além das referências setecentistas: clássicos como Percier et Fontaine, Winckelmann lado a lado ao pitoresco/sublime de Piranesi. Além da indiscutível importância individual de cada um desses autores – enfatizada quase sempre por um pequeno currículo apresentando títulos, atribuições e filiação institucional –, considerando-os em conjunto temos uma riquíssima diversidade de tendências de pensamento que é bastante representativa das discussões sobre arquitetura que atravessam o período, e que são fruto das tensões entre as instâncias tradicionais e modernizadoras.

A mesma diversidade pode ser verificada no que se refere aos temas e tipos de publicações. O leque de temas é amplo: teoria, arqueologia, história antiga e moderna, ornamentação, arquitetura e construção, ensino de arquitetura, desenho, geometria e matemática, arquitetura contemporânea de várias tendências e de localidades diversas, cidades antigas e modernas. Todos esses assuntos se encontram reunidos em obras de vários tipos: livros tradicionais, como os tratados italianos de Alberti, Palladio e Vignola, assim como os *recueils* (inventários) setecentistas de monumentos da Antiguidade, são acrescidos de novos formatos. Os tratados “modernos”, por exemplo, versam de forma objetiva sobre construção em geral ou sobre temas específicos relativos a ela como alvenaria, estereotomia, madeira, estruturas metálicas, telhados, escadas, serralheria artística, etc.; assim como os manuais relativos às diversas técnicas relacionadas à arquitetura, da estrutura à ornamentação. **[Figura 1]**

Além deles, encontramos um grande número de *recueils* ou repertórios de modelos oitocentistas, publicações bastante acessíveis ao público em geral já que apresentam apenas imagens relativas ao assunto tratado,

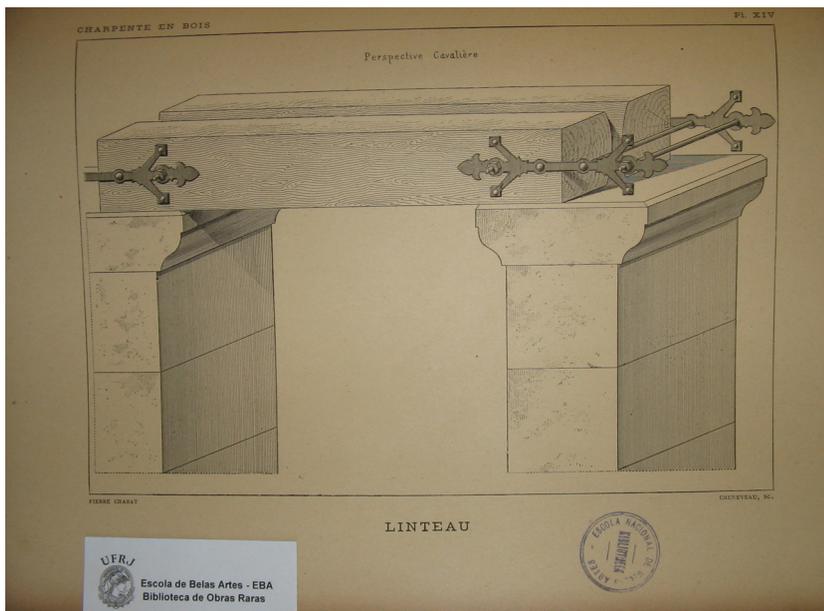


Figura1 - Lindeau. CHABAT, P. **Cours de dessin géométrique**. Paris: Vve. Morel et Cie Libraires-Éditeurs, 1885, pl. XIV.

complementadas por legendas, pequenos comentários ou por uma introdução explicativa. Versam sobre vários temas, desde ornamentação até as várias tipologias da arquitetura moderna oitocentista, com especial ênfase na arquitetura residencial e, dentro dela, chegam a abordar o tema da habitação operária, problema novo e complexo que envolve a escala urbana em suas dimensões sociais, econômicas e políticas. O objetivo dessas publicações aparentemente despretensiosas é informar sobre a

produção contemporânea e ao mesmo tempo mostrar exemplos da boa arquitetura e/ou ornamentação, como ilustra o prefácio do arquiteto E. Rivoalen para seu inventário *Petites Maisons Modernes de Ville et de Campagne* (Pequenas Casas Modernas de Cidade e Campo):

No objetivo de fazer conhecer os progressos realizados, nesses últimos anos, sob o triplo ponto de vista da comodidade, da elegância e da economia na construção de pequenas casas particulares, na França e até mesmo em nossos países vizinhos, nós escolhemos, organizamos e reunimos neste pequeno livro o que nos pareceu dever ser, seguindo essa ordem de idéias, útil e agradável ao leitor.² [Figuras 2 e 3]

Esse tipo de publicação merece atenção especial já que está na origem de um dos motivos da crítica negativa aos arquitetos do século XIX, considerados meros “copiadores passivos” de modelos. Essa crítica parte de uma má compreensão: o objetivo dos repertórios não é incentivar a cópia mas educar o olhar através da observação de bons exemplos de composição arquitetônica ou ornamental, sejam eles históricos ou contemporâneos. Em geral partem do princípio de que os modelos, ainda que tirados do passado, devem servir de base para novas criações, como bem expressa Owen Jones na sua *Grammaire de l’Ornement*: “Nós devemos (...) considerar como nossa herança todos os trabalhos do passado que foram coroados de sucesso, e sem segui-los cegamente, é preciso usá-los como guias para descobrir o verdadeiro caminho.”³

² RIVOALEN, E. **Petites Maisons Modernes de Ville et de Campagne récemment construites**. Paris: George Fanchon éd., s/d.

³ JONES, Owen. **Grammaire de l’Ornement**. Londres: Bernard Quaritch, Paris: chez tous les libraires, 1865, p.2.



Figura 2 - Salle de Restaurant. DALY, C. **Décorations Intérieures Peintes**. Paris: Ducher et Cie, 1877, s/p.

A história não poderia estar ausente desse conjunto de referências para o ensino oitocentista: além dos inventários sobre a Antiguidade, a maior parte deles datando do século XVIII e início do XIX, se encontram livros de história da arquitetura e das artes decorativas já formatados segundo o método historicista da classificação estilística, por vezes complementada pela localização geográfica; outro tipo de historiografia são as monografias sobre determinados monumentos ou cidades.

Além dos livros pedagógicos sobre disciplinas técnicas relacionadas ao desenho – geometria descritiva, perspectiva, etc. – a coleção nos apresenta um tipo de



Figura 3 - Maison privée à Versailles (Seine et Oise). VIOLLET-LE-DUC, E. **Habitations modernes**. 1ère Partie. Paris: Vve. Morel et Cie Libraires-Éditeurs, 1875, pl 1.

publicação que tem por tema o próprio ensino de arquitetura na École des Beaux-Arts – avaliações ou “concursos” mensais, prêmios de viagem – e ainda livros escritos

por professores de instituições francesas renomadas – a mesma EBA, École Polytechnique, etc – que publicam os resumos dos cursos por eles ministrados, alguns deles tornando-se referência teórica fundamental para o ensino oficial de arquitetura oitocentista. Como exemplo, os já citados J. N. L. Durand, do início do século, Léonce Reynaud de meados e Julien Guadet, do final dele; um estudo comparativo das idéias desses três professores, por exemplo, revelaria aspectos bastante significativos dos direcionamentos do pensamento arquitetônico no decorrer do século XIX.

Concluindo os tipos de publicações, duas novidades características do século: os álbuns das principais Exposições Universais francesas, tema de interesse indiscutível no período, e por último as revistas especializadas, cuja periodicidade é sintomática da dinâmica das invenções no campo da arquitetura. Além da pioneira *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*, fundada na década de 1840 por Cesar Daly, encontram-se na coleção outros títulos igualmente importantes como a *Gazette des Architectes et du Bâtiment*, editada por Viollet-leDuc e de tendência oposta à anterior e a *Encyclopédie de l'Architecture*. Dirigidas a um público amplo, de profissionais da construção a leigos, as revistas são as grandes democratizadoras do conhecimento e dos “progressos da arquitetura”, como costumam se expressar seus editores. Reúnem toda a diversidade de temas das publicações acima citadas, organizados em pequenas seções numa miscelânea leve

e atraente para o leitor comum, e por isso constituem o meio mais eficiente de veiculação dos princípios e das possibilidades da boa arquitetura moderna.

Voltando ao conjunto das obras mencionadas e a seu papel de modelo para o ensino da ENBA, alguns aspectos se destacam. O primeiro é a importância das imagens. Quaisquer que sejam os temas das publicações, do mais prático ou técnico ao mais teórico, os argumentos são baseados nas ilustrações. A construção do espaço moderno, seja ele na escala da cidade, da arquitetura, das estruturas ou dos interiores, baseia-se amplamente nos critérios da visualidade; seu reconhecimento assim depende de uma educação visual ampla. Esta parece ser a principal função das publicações oitocentistas no *tour de force* a que nos referimos no início do texto, e que inclui o ensino. Através delas igualmente entendemos melhor a importância do desenho na formação do arquiteto. O segundo aspecto é o caráter prático e objetivo da maior parte das obras da coleção, mostrando uma abordagem que une de forma indissociável construção, arquitetura e decoração. Além disso essa abordagem privilegia a produção arquitetônica de escala média, revelando um pensamento que tem como pano de fundo a construção da cidade moderna: é a essa escala que corresponde, em maior parte, o preenchimento do tecido urbano e a espacialização das novas funções da cidade moderna. Outro aspecto importante, talvez o mais significativo no que se refere à questão dos modelos, é a diversidade dessas referências: sem restrições, todos os temas,

tendências e idéias parecem ser passíveis de subsidiar os estudos em arquitetura na nossa instituição. E por último, voltando às imagens, o conjunto das ilustrações revela as diversas concepções de modernidade que convivem no período.

A biblioteca da Academia Imperial de Belas-Artes foi instituída em torno de 1844 na gestão de Félix-Émile Taunay, sua importância é reforçada na década seguinte por Araujo Porto-Alegre.⁴ O caráter das obras que a constituíam, a partir do conjunto analisado, indica o interesse da instituição tanto pelo estudo da tradição quanto pelas questões contemporâneas que envolviam a produção arquitetônica do período. Cabe a futuras pesquisas específicas a exploração da coleção e o aprofundamento dessas questões.

Referências Bibliográficas:

- GONÇALVES, Denise. **Inventário das obras raras relativas ao ensino de Arquitetura da biblioteca da Escola de Belas-Artes/UFRJ**. Pesquisa como recém-doutor desenvolvida em 1997-1998 com apoio do CNPq. Manuscrito.
- JONES, Owen. **Grammaire de l'Ornement**. Londres: Bernard Quaritch, Paris: chez tous les libraires, 1865.
- RIVOALEN, E. **Petites Maisons Modernes de Ville et de Campagne récemment construites**. Paris: George Fanchon éd., s/d.
- UZEDA, Helena Cunha de. **O ensino de Arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro: 1816-1889**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAV/UFRJ, 2000.

⁴ UZEDA, Helena Cunha de. **O ensino de Arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro: 1816-1889**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAV/UFRJ, 2000.